

Inventando Histórias

Shênia Mineiro Martins

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Amanda Isarrá

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Tania Lucía Maddalena

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Palavras-chave: Inventando histórias; Narrativas audiovisuais; Programa de entrevistas; Vídeo-conversas; Educação.

Introdução

O programa “Inventando Histórias” nasceu em 2022 como parte do projeto de extensão “Histórias para Educar: uma plataforma online sobre a arte de contar histórias digitais”, da Faculdade de Educação da UERJ. Pensado no gerúndio, é um programa que está sempre sendo — em movimento, em transformação — a cada episódio criado em processos coletivos. Entre palavras, imagens e ideias, reunimos especialistas do campo educativo para conversas que se desdobram em pensamento e afeto.

O que nos mobilizou a criar esse programa foi o desejo de compartilhar, de forma gratuita, videoconversas que inspiram. Conversas que ampliem repertórios, provoquem práticas e fortaleçam a formação continuada de educadores, ao narrar, questionar e reinventar modos de ensinar e aprender. Na primeira temporada, os episódios — Ficção, Memória, Experiência, Viaje, Cotidianos e Narración — costumaram temas que atravessam a prática docente e a arte de narrar. Cada conversa é convite para refletir, debater e, sobretudo, inspirar processos de formação contínua no universo da educação.

Desde o início do projeto trabalhamos com inspirações poéticas para pensar a narração e a contação de histórias. No desenho da plataforma Histórias para Educar, escolhemos a metáfora de uma casa como forma de dar corpo e sentido ao projeto. A sala, primeiro cômodo construído, abriga o programa de entrevistas Inventando Histórias — um espaço onde a conversa circula, atravessa temas e inventa caminhos. Pensar a arte de contar histórias nas docências e nas pesquisas em Educação é reconhecer a força das palavras, a centralidade das narrativas na tessitura da experiência humana. Ao narrar, inventamos mundos (Certeau, 2012; Bruner, 2014) — e, nesse gesto, nos reinventamos. Sabemos, a partir de uma trajetória de pesquisas (Alves, 2008; Maddalena, 2018), que a narração de histórias amplia os repertórios existenciais e formativos, especialmente em tempos de cibercultura (Santaella, 2021), quando o digital em rede convoca outras lógicas de expressão e

escuta. É a partir dessas questões e bases teórico-metodológicas que o programa “Inventando Histórias” foi criado, experimentamos e exploramos com as audiovisuais, e as lógicas dessas novas linguagens na disseminação e democratização do acesso ao conhecimento científico que é realizado dentro das universidades públicas.



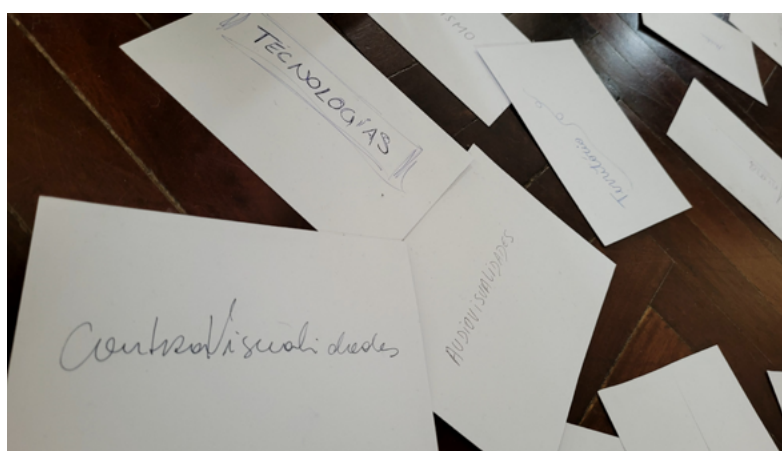
Inventando

O ato de “inventar” que dá nome ao programa transcende a acepção de criar algo a partir do nada. Ele se ancora em uma concepção de aprendizagem como invenção de problemas. A pesquisadora Virgínia Kastrup (2001), ao revisitar o tema da aprendizagem, a diferencia de uma mera passagem do não-saber ao saber. Para a autora, a verdadeira aprendizagem não se dá pela “experiência de reconhecimento” — em que o novo é assimilado pelo velho, e as sensações apenas confirmam o que a memória já conhece — mas sim pela “experiência de problematização”. É nesse território de estranhamento, onde as faculdades — sensibilidade, memória, imaginação — atuam de modo divergente, que a invenção acontece.



O processo de criação audiovisual do programa “Inventando Histórias” pode ser compreendido a partir dessa perspectiva. Cada episódio, desde sua concepção até a edição final, representa uma imersão em uma “experiência de problematização”. A equipe, ao se debruçar sobre um tema ou um convidado, não parte de um roteiro fechado de soluções, mas de um campo de questões a serem exploradas. Assim como o viajante em um país estrangeiro, descrito por Kastrup (2001), que precisa aprender a decifrar novos signos para realizar tarefas antes banais, a equipe do programa precisa inventar uma linguagem, um ritmo e uma estética para cada conversa. As decisões sobre posicionamento de câmera, iluminação, enquadramento e montagem não são meramente técnicas; são gestos de criação que buscam dar forma a um pensamento, a uma sensibilidade. A própria escolha de gravar as entrevistas sem cortes, por exemplo, valorizando a fluidez e a espontaneidade do diálogo, é uma decisão política e estética que nasce de uma problematização sobre o ritmo acelerado e pasteurizado das produções audiovisuais contemporâneas.

Essa aprendizagem inventiva não é centrada em um sujeito criador, mas ocorre em um plano coletivo, impessoal e múltiplo. O programa é fruto de um processo que envolve a escuta, a troca e a colaboração entre pesquisadores, bolsistas e convidados. Não se trata de um indivíduo que impõe sua visão, mas de um “agenciamento maquínico de corpos” que coloca em relação imediata fluxos diversos: técnicos, biológicos, políticos e linguísticos. É nesse encontro, nessa “zona de indiscernibilidade e osmose”, que a subjetividade e o conhecimento são produzidos.



A experiência vivida na assembleia no Uruguai materializa essa dinâmica de forma contundente. O encontro se revelou, desde o início, um campo de tensões e problematizações coletivas. O choque entre a burocracia universitária, com sua demanda por certificados que “digam o que a universidade queria ler”, e a experiência vivida, com suas incertezas e afetos, já instaurava um primeiro estranhamento. A criação coletiva não começaria, portanto, em um terreno pacificado, mas em meio ao conflito entre lógicas distintas. A própria palavra “estranho”, proposta para quebrar o gelo, tornou-se um problema, expondo as diferentes sensibilidades e repertórios dos participantes “O que é um estranho aqui?”, “A comida me parece estranha”, “Esquisito é a palavra em português”. O

que poderia ser um obstáculo, revelou-se o motor da aprendizagem: o grupo foi forçado a negociar sentidos, a “falar devagar” a língua assumidamente dominante a se traduzir, a construir um solo comum entre o português e o espanhol.

A frase que norteou o encontro — “Imaginar juntos não é um luxo estético; é uma urgência política” — aponta para o cerne dessa invenção coletiva. Não se tratava de um exercício de criatividade abstrato, mas de uma negociação constante, de “compartilhar acordos e desacordos”. A questão sobre falar a partir da ferida ou buscar a cicatriz evidencia que o processo criativo não dissocia pensamento e afeto, corpo e palavra. Inventar coletivamente implicou em acolher as vulnerabilidades, em permitir que “o sangue fluísse” para que, a partir desse encontro de dores e histórias, algo novo pudesse emergir. O desconforto, o choro, a raiva e o abraço não foram desvios do processo, mas parte constituinte dele e essa dinâmica exigiu uma desconstrução de saberes e fazeres, um esvaziamento das certezas individuais para que o coletivo pudesse se manifestar. A resposta recorrente “Isso será decidido pela assembleia” funcionou como um dispositivo para desarmar as hierarquias e a nossa própria noção de assembleia. Foi preciso aprender a habitar a incerteza e resistir ao impulso de buscar respostas prontas ou de dizer aos outros o que fazer. Nesse espaço de indeterminação, entre o passado que nos constitui e o presente que nos força a pensar, a invenção se fez possível. O que emergiu não foi um produto finalizado, mas a constituição de um “corpo” coletivo capaz de formular perguntas compartilhadas e de se afetar mutuamente.

Da mesma forma, entendemos o ato de inventar, no contexto do programa, como o engajar-se em uma atitude de constante problematização e entender que a criação audiovisual, assim como a educação, não se resume a aplicar fórmulas ou a encontrar soluções para problemas pré-definidos. Trata-se, fundamentalmente, de um processo de “aprender a aprender”, transformando tanto quem produz quanto o próprio conhecimento que está sendo colocado em movimento. É assumir, como nos ensina a arte, que o mais importante não é a resposta, mas a potência da pergunta que nos força a pensar, a criar e a nos reinventar.

Histórias

Se inventar é o gesto de problematizar o mundo, contar ou inventar histórias é a matéria-prima com a qual pensamos, organizamos e transformamos esse mundo. Partimos do entendimento de que a humanidade utiliza a narrativa constantemente como uma forma de produção de conhecimento, narrar não é uma atividade secundária ou meramente ilustrativa; é, como aponta Jerome Bruner (2014), um modo de pensamento tão fundamental quanto a lógica científica, uma estrutura essencial para a maneira como interpretamos e construímos a realidade. Ao narrar, como nos ensinam Certeau (2012) e o próprio Bruner (2014), inventamos mundos e, nesse gesto, nos reinventamos.

O programa “Inventando Histórias” ancora-se nessa potência da palavra. Cada episódio é um convite para explorar como as narrativas — sejam elas teóricas, pessoais, poéticas ou ficcionais — tecem a experiência humana e, mais especificamente, a prática educativa. A primeira temporada, ao se debruçar sobre temas como Ficção, Memória e Experiência, reconhece que o conhecimento não se constrói

apenas sobre fatos objetivos, mas sobre uma trama complexa de sentidos. Como afirma Tania Lucía Maddalena (2018), ao narrar uma história pessoal, não se trata somente de lembranças do passado, mas de uma “tessitura ligada ao contexto (atual) do nosso presente”, onde as visões do passado são construções que dialogam com o agora e apontam para o futuro. Essa força narrativa revelou-se para nós na experiência das assembleias. Ali, as palavras e as histórias dos objetos trazidos pelos participantes, por exemplo, não eram apenas representações de pesquisas; eram fragmentos de vidas, de percursos, de feridas abertas. O encontro coletivo demonstrou que compartilhar histórias é um ato político. Em um ambiente acadêmico frequentemente pautado pela impessoalidade, perguntar-se sobre a própria ferida e relação da pesquisa com ela é um gesto de profunda implicação epistemológica. Como verbalizou um dos participantes, trata-se de “encontrar-se a partir de nossas feridas, deixar o sangue fluir e entender que, nesse encontro, também há pessoas que vêm de origens feridas”. A narrativa, nesse contexto, torna-se um lugar de encontro, um dispositivo que conecta o autobiográfico, o que está fora do quadro, o que escapa à formalidade da letra.

É nesse sentido que o programa busca explorar as histórias que constituem os pesquisadores. Ao convidar os participantes a falarem sobre suas memórias e experiências, o programa reconhece que a ciência não é desprovida das múltiplas identidades que compõem o ser. Pelo contrário, é no entrelaçamento entre o vivido e o pesquisado que o conhecimento ganha densidade e relevância social. As narrativas de vida, como destaca Alexandra Lima da Silva em sua participação, são “ego-documentos”, atos de registrar a própria vida que se tornam poderosos instrumentos de aprendizado e transformação. A ficção, por sua vez, como aponta Leonardo Nolasco-Silva, emerge como “o caminho que a gente encontra, enquanto linguagem, para organizar esse caos que é a vida”.

O programa “Inventando Histórias” ao dar voz às histórias que atravessam a prática docente e a pesquisa em educação, reafirma a força das palavras não apenas para descrever o mundo, mas para, coletivamente, inventar outros modos de habitá-lo.



Inventando Histórias

É na confluência entre o gesto de inventar e a potência das narrativas que nasce o programa “Inventando Histórias”. Mais do que um título, ele é a materialização das discussões apresentadas anteriormente: um espaço de criação coletiva para reimaginar as formas de comunicar a ciência. A jornada do programa se desdobra através de uma série de videoconversas, em que cada episódio é disparado por uma palavra-chave que serve como convite à reflexão. Essa exploração começa com a [Ficção](#), em um diálogo com Leonardo Nolasco-Silva, que defende, em nosso primeiro episódio, que a ficção é a única coisa que existe, pois a realidade é, em si, uma construção que nomeamos e classificamos. A conversa propõe que o ato de fabular é uma constante em nosso cotidiano, um meio de organizar o caos e alargar a existência, abrindo a investigação científica a recursos da imaginação. Das narrativas inventadas, o programa mergulha na [Memória](#) com Alexandra Lima da Silva, apresentada não como um arquivo estático do passado, mas como um elemento vivo, que é continuamente reescrito pelo presente e que molda nossas subjetividades. A conversa destaca que as narrativas de vida são ego-documentos e que, ao compartilhar nossas pesquisas, convidamos o público a tecer o conhecimento em suas próprias histórias, tornando-o pessoal e significativo. Essa tessitura entre o vivido e o narrado encontra sua continuidade no episódio [Experiência](#), com Isabelle Borges. A discussão reforça a conexão intrínseca entre corpo e escrita, mostrando como as vivências e os estímulos sensoriais são fundamentais para a criatividade. A própria produção do programa revela-se uma experiência formadora, um aprendizado que demanda não apenas técnica, mas a sensibilidade de escrever com imagens, sons e movimentos. Aprofundando a dimensão do vivido, a conversa com a professora Nilda Alves sobre os [Cotidianos](#) reforça a perspectiva de que é preciso transformar o próprio modo de fazer ciência. Nilda Alves salienta que o cotidiano, longe de ser um espaço de repetição, nunca é igual, pois é atravessado por constantes mutações nas relações e ocasiões. Pesquisar, nesse contexto, exige uma escuta atenta à inventividade dos gestos mínimos, em que as políticas se concretizam e se reinventam. Para além desses temas, o programa expande suas fronteiras em episódios especiais, como [Viaje](#), com Walter Kohan, que explora a viagem como uma potente metáfora para a aprendizagem, e [Narración](#), com Carlos Skliar, que aprofunda a reflexão sobre o ato de narrar na educação.

Na nossa casa simbólica, nosso programa é a sala de estar, um lugar do encontro, da escuta e da conversa, onde entrevistas audiovisuais com educadores e pesquisadores produzem sentidos sobre a educação contemporânea, rompendo com a lógica da comunicação científica tradicional, muitas vezes restrita aos círculos acadêmicos. Trata-se de um ato político e epistemológico que defende o conhecimento produzido nas instituições públicas e que busca democratizar seu acesso, não só produzindo conteúdo, mas buscando, a partir dele, inspirar outras práticas pedagógicas que fortaleçam a formação e a prática docente. Em essência, o “Inventando Histórias” é um convite à partilha. Como nos lembra Bruner (2014), o que realmente importa é a narrativa compartilhada.

Referências

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B. de; ALVES, N. (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. 3a ed. Petrópolis: DP et Alii, 2008. p. 15-38. 3
- BRUNER, Jerome. **Fabricando histórias: direito, literatura, vida**. São Paulo: Letra e Voz, 2014.
- CERTEAU, Michel. de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 20a ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2012
- KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001.
- MADDALENA, Tania Lucía. Digital storytelling: uma experiência de pesquisa-formação na cibercultura. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- SANTAELLA, Lucia. **Humanos hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet**. São Paulo: Paulus, 2021.

Shênia Mineiro Martins

Mestranda ProPEd/Uerj, pesquisa narrativas digitais audiovisuais como suporte à divulgação científica. Membro do EduStoryLab - Laboratório de Pesquisa em Histórias, Tecnologias e Educação na Cibercultura, bolsista CAPES.

Amanda Isarrá

Graduada em Artes Visuais pela UERJ. Membro do EduStoryLab - Laboratório de Pesquisa em Histórias, Tecnologias e Educação na Cibercultura, bolsista PROATEC/UERJ.

Tania Lucía Maddalena

Pesquisadora argentina. Professora Adjunta no Departamento de Estudos Aplicados ao Ensino (DEAE) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Também atua como docente no Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da UERJ. Líder do EduStoryLab - Laboratório de Pesquisa em Histórias, Tecnologias e Educação na Cibercultura.